4
A rua cúmplice de Alice

Augusto, o personagem andarilho do célebre conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, de Rubem Fonseca, “acredita que ao caminhar pensa melhor, encontra soluções para os problemas, *solvitur ambulando*” (2004, p.356).

Ambulando por Buenos Aires, Paris, Lisboa, Nova York, pelo Centro e Zona Sul do Rio de Janeiro, e até pela Nova Zelândia, Alice Sant’Anna (e seus personagens e eus-líricos) talvez não procure(m) encontrar soluções para seus problemas — percorrer ruas, indo de um lado para o outro, faz parte da célere rotina urbana. Para a jovem poeta, em meio ao entre-e-sai de passageiros, cada qual com o seu destino, o ônibus é, a cada parada e recomeço, uma metáfora da vida: “Tudo pode acontecer. Num dia você pega o carro errado e faz um trajeto maluco, no outro pega o carro certo, mas salta no ponto errado, num lugar que não conhece” (TORRES, 2008b).

cosme velho

uma mulher carrega sua televisão
no colo como se fosse um bebê
um homem desce de muletas
pela porta da frente, um jovem
anota exclamações para si mesmo
em um caderno (terminar
o trabalho hoje sem falta!!!!!!)
uma turista enrolada
em uma canga azul não passou protetor
solar, a cobradora altiva
conversa com dois
homens que esticam pescoço
de ganso para assistir ao balanço de seus
brincos, o ônibus atravessa
desembestado o rebouças no fim
de tarde, alguns escutam música
poucos leem, uma menina brinca
com os cabelos, saímos do túnel
e flutuamos numa lagoa de céu
rosa rabiscado
com duas ou três nuvens

(SANT’ANNA, 2008, p.16)

Entre um ponto de ônibus e outro, entre uma estação de metrô e outra, entre uma calçada e outra contígua ou contrária, entre a rua (espaço público e, portanto,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

de coletividades, mas ainda assim particular a cada transeunte) e a casa (lugar privado, particular a cada pessoa, e que é também coletivo por abarcar individualidades, diferenças), Alice desdobra seu olhar e é tomada pelo banal, pelo cotidiano, pelo incomum, pelo inesperado das dobras da cidade: cenas, gestos, inspirações, divagações dele advindas e/ou por ele suscitadas — tudo aquilo de que, enfim, está impregnado *Dobradura*, seu livro de estreia.

> [...]
>
> era sexta e o ônibus demorava
> um menino apontou para um disco voador
> que brilhava vermelho e azul
> a mãe resmungou
> é uma antena, filho
>
> subo no 569 e tenho vontade
> de jogar o caderninho pela janela
> imagino fogos de artifício
> seria mesmo surpreendente
> ter um ato de coragem
>
> (SANT'ANNA, 2008, p.15)

Segundo Paul Valéry, "o poeta dispõe das palavras de uma maneira completamente diferente do que faz o uso e a necessidade" (1999, p.178). Bebendo da liberdade marginal, que foi sua porta de entrada para o universo poético na adolescência — "aquilo não era poesia sisuda e séria, não vestia roupas de gala, não ficava na sacada declamando aos metros" (SANT'ANNA, 2012) —, Alice percorre sentido oposto à premissa do poeta francês. Ou seja: em sua poesia comparecem o uso e a necessidade corriqueiros da linguagem em vez do quê etéreo do não-uso e do não-dizer (MALUFE, 2011, p.34), da tradição catedrática e dos formalismos técnicos.

> **sete anos**
>
> ela come tangerina
> com centenas de dedos
> meditativos
> empenhados na função
> de descascar, separar um gomo
> do outro
> mas não mastiga, empurra
> com a língua até a pele
> descosturar
> feito tecido ou papel
> e romper

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

em suco

depois caminha pelos quartos
acaricia os cabelos das bonecas
muda a posição dos objetos
desliza dedos pelas paredes

até que cada canto da casa
cheire como os dias de verão
(SANT'ANNA, 2008, p.44)

Qual a geração mimeógrafo, a poeta carioca lança mão de "uma linguagem absolutamente contaminada de mundo, misturada com a vida" que entra na poesia na mesma medida que a "poesia invade a vida" (MALUFE, 2011, p.72).

estação da carioca

é lenta como uma pedra
compra chocolate embrulhado
em papel alumínio
antes de pegar a condução
sentido zona norte
na hora do rush nem precisa
se esticar na barra
basta se ajeitar entre os passageiros
a bolsa quer escorregar do ombro
talvez não chegue a tempo
o jeito é virar para o vizinho
e recitar com dicção impecável
um poema de amor
(SANT'ANNA, 2008, p.23)

Seria a poesia um desconforto? Um poema de amor uma ameaça? Ou a surpresa corresponde apenas à invasão desse lirismo padronizado/romântico — "recitar com dicção impecável/ um poema de amor" — à rotina de um trabalhador voltando para casa na hora do *rush*? Frente à premência de um pneumotórax, "a única coisa a fazer é tocar um tango argentino" (BANDEIRA,1993, p.128). Ainda que assuste, um gesto de ternura talvez seja a solução para a brutalidade diária.

O tempo desse e de outros poemas do livro é o do acontecimento, do momento, do instante ressignificado pelo pacto com o leitor (GANDOLFI, 2006, p.232). Cada vez que se lê um poema, a experiência acaba ocorrendo (BORGES, 2000, p.15). Logo, é preciso estar "atento a essa poesia disfarçada e errante" (BANDEIRA *apud* ARRIGUCCI JÚNIOR, 1990, p.92) a fim de dar corporalidade e sentido ao fugaz — da rua de todos ou da avenida do eu.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

Com singeleza e sensibilidade, Alice Sant'Anna compõe roteiros da vivência urbana ou da vida íntima, que, por vezes, entrecruzam-se (MONTEIRO, 2012, p.22) num deslocamento da rua para a casa, do público para o privado, e vice-versa. Poemas "sem *tailleur*, de calça jeans e Havaianas", cuja força reside na simplicidade (MOUTINHO, 2008), textual e/ou temática. Conforme os marginais, uma informalidade que ao falar da experiência vivida encurta a distância entre a poeta e o leitor comum (HOLLANDA, 2007, p.10), convidando este a sentar-se ao lado dela no ônibus ou a caminhar ao seu lado pelo emaranhado de veias de asfalto correndo a urbe e compartilhar dos mesmos olhares e *insights* sobre os acontecimentos do dia a dia. Trazê-lo, em suma, para a polaroide cotidiana (FREITAS FILHO *apud* MALUFE, 2011, p.75) e, pela perspectiva aliciana, (tentar) fazer com que ele entre na(s) cena(s) que os versos ensaiam, insinuam, codificam, registram ou recriam com a própria poeta (CUNHA, 2013), ao mesmo tempo guia e turista, personagem e narradora.

Complexa e imbricada, a cidade é um imenso origami em que se perdem as dobras que a constituem. Contudo, desdobrado o papel outrora dobrado, as marcas de suas dobras, que nos passam despercebidas como partes do todo, permanecem. Marcas que vincam o leitor na leitura despojada da despojada *Dobradura* de Alice, de título notoriamente rico e propositivo, cujas dobras de urbanidades — túnel (SANT'ANNA, 2008, p.16), ônibus (*ibidem*, pp.15-17;22;54), esquina (*ibidem*, p.19), praia (*ibidem*, pp.22,61), metrô (*ibidem*, p.23), prédios/apartamentos (*ibidem*, pp.24-25;27;37;46), guindastes (*ibidem*, p.26) lojas (*ibidem*, p.29), carro (*ibidem*, p.30), táxi (*ibidem*, pp.37;52), botão de elevador (*ibidem*, p.37), hotel (*ibidem*, p.47), sinal de trânsito (*ibidem*, p.54), banca de jornal (*ibidem*, p.56), cinema (*ibidem*, pp.57;61), livraria (*ibidem*, p.58) — traduzem a cidade que o livro inspira e expira pelos olhos da poeta e *voyeuse*. Olhos fascinados pela possibilidade de troca: "nós observamos [a cidade], mas também somos observados" (TORRES, 2008b).

Partindo-se da ideia da metáfora como uma ponte de significados entre significantes, o ônibus é a ponte móvel onde ganham significados no papel as cenas, personagens e/ou acontecimentos apreendidos no espaço privilegiado da rua, que tanto significa na poesia da jovem carioca, passante rediviva de Baudelaire (1985, pp.344-345). Escrito inteiramente em viagens de ônibus, segundo confessou Alice em entrevista (conjunta com outros poetas ultracontemporâneos, como Angélica

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

Freitas e Fabrício Corsaletti) à dominical *Revista O Globo* (FILGUEIRAS, 2013, p.27), *Dobradura* traz consigo o signo do movimento. Os poemas acabam, mas a vida continua, o ônibus prossegue o itinerário.

> quando keith jarret resolve tocar
> i loves you porgy no ônibus
> o Humaitá parece que chora
>
> [...]
>
> se alguém me convidar
> finjo que não é comigo
> levanto do banco e danço
> com os braços pra cima
>
> (SANT'ANNA, 2008, p.17)

Corrida e cinemática, a janela do ônibus emoldura o transitório: o caos urbano renovado a cada esquina, o frenesi de veículos e pessoas. Janelas do corpo, os olhos acompanham o comboio. Estáticas, janelas de casas e/ou edifícios presenciam o teatro ordinário da vida.

> dentro do apartamento
> a janela sustenta paisagem.
> me aproximo, apóio
> os braços: todo o mundo
> desmedido
> em minha frente.
>
> mas nada
> que possa segurar, reter.
> nem mesmo o perfume
> dessas tardes sem perfume, nem
> um bibelô
> para colecionar na estante
> como fazem as avós
> que não medem cuidados
> com a porcelana
>
> (SANT'ANNA, 2008, p.46)

Não se podem reter as vicissitudes do mundo. Retém-se o que é de natureza afetiva. A rua, portanto, não é só cúmplice de Alice na rotina da vida urbana, como também nas reminiscências de infância e/ou adolescência — "na casa da minha bisavó laura/ tudo era doce demais/ e até as ervilhas tinham açúcar" (*ibidem*, p.24) —, nas digressões íntimas — "ora mas é claro/ que me mordo/ da janela do ônibus a praia/ escapa pelo vidro/ penso de que serve/ uma terça tão azul/ quando

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

ficaria/ muito melhor pintada/ de cinza/ haveria um motivo/ para eu usar roupas/ escuras" (SANT'ANNA, 2008, p.22) —, nas lembranças introspectivas — "as palmeiras imperiais enfileiradas/ apontam para uma sexta-feira azul/ [...]/ de repente, corro até o chafariz/ com toda a minha velocidade/ o ar inundando o rosto dá a sensação/ exata de quando tenho um sonho bom" (*ibidem*, p.39).

O cotidiano inerente à urdidura dos versos passa pela subjetividade do eu-lírico, desdobramento (*alter ego*) da poeta da Gávea em grande parte do livro, e o tom confessional se desdobra pelas páginas, conferindo a *Dobradura*, grosso modo, uma dicção de diário (poético). Logo, dando novos contornos ao dia a dia dos dias, não importa se quinta (*ibidem*, p.36), sexta (*ibidem*, pp.15,39), sábado (*ibidem*, p.24), domingo (*ibidem*, pp.11,29), feriado (*ibidem*, p.36), segunda (*ibidem*, p.56), terça (*ibidem*, p.22) ou...

		(*ibidem*, p.38)
quarta-feira		
comprava uma bala de tamarindo	- / - - / - - \ - / -	2-5-(8)-10
depois da aula	- / - / -	2-4
para fazer companhia	- - - / - - / -	4-7
na volta pra casa.	- / - - / - ||	2-5
rabo de cavalo preso	/ - - - / - / -	1-5-7
no alto da cabeça, dentes da frente	/ - - - / - || / - - / -	1-5-7-10
separados. o caderno de pauta	- - / - || - - / - - / -	3-7-10
tem linhas azuis	\ / - - /	(1)-2-5
e a ponta da caneta bic	- / - - - / - /	2-6-8
está em apuros de tanto ser	- / - - / - - / - /	2-5-8-10
mastigada (talvez daí	- - / - || - / - /	3-6-8
os dentes separados).	- / - - - / - ||	2-6
não quer adivinhar	- / - - - /	2-6
o futuro, o cadarço do tênis	- - / - || - / - - /	3-6-9
desamarrou, talvez ganhe muito dinheiro	- - - / || - \ / - / - - / -	4-(6)-7-9-12
com pensamentos em caixinhas	- - - / - - - / -	4-8
ou receba estudantes estrangeiras	- - / - - / - - - / - ||	3-6-10
(pode ser que more numa casa	/ - / - / - / - / -	1-3-5-7-9
com longos corredores). a única	- / - - - / - || - / - -	2-6-9

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

coisa certa é que quarta-feira	/ - / - - / - / -	1-3-6-8
tem carne moída com purê de batatas	\ / - - / - - - / - - / -	(1)-2-5-9-12
e aula de piano às seis	/ - - - / - /	1-5-7

"A poesia de Alice tem o poder de familiarizar palavras já familiares" (HERINGER, 2011), como tamarindo, rabo de cavalo, caneta bic, cadarço, carne moída, purê de batatas. Palavras com história emocional, impregnadas de nostalgia.

Em termos formais, é curioso notar que o ouvido aliciano quase não faz concessões aos versos heroico e alexandrino. Por outro lado, renova-os/reinventa-os trocando o acento tônico do meio do verso da 6ª para a 5ª sílaba métrica, tanto nos decassílabos ("comprava uma bala de tamarindo", "no alto da cabeça, dentes da frente", "está em apuros de tanto ser") quanto no dodecassílabo ("tem carne moída com purê de batatas").

Há uma explicação lógica para isso: seu metro natural e mais frequente é a redondilha menor, o que vai ao encontro justamente do intenso flerte dos textos com a prosa por conta do coloquialismo adotado. Assim, mesmo em versos de outras extensões, é comum a presença do acento tônico nas quintas sílabas (227 vezes ao longo do livro). Quanto ao ritmo, a tonacidade marcante de *Dobradura* nas terceiras sílabas dos versos (247 vezes) indica o domínio do anapesto.

Não há, entretanto, zelo pela regularidade dos metros. Alice não é, assumidamente, uma entusiasta da métrica. Aliás, foram os versos assimétricos, tortos e desengonçados de um poema de Ana Cristina Cesar (SANT'ANNA, 2012), poeta da geração mimeógrafo, que a fisgaram para a poesia:

> olho muito tempo o corpo de um poema
> até perder de vista o que não seja corpo
> e sentir separado dentre os dentes
> um filete de sangue
> nas gengivas
>
> (CESAR, 1999a, p.89)

À poeta e tradutora morta prematuramente, seguiram-se outros marginais por meio da leitura de *26 poetas hoje*. Foi com Ana C., no entanto, que Alice percebeu que um poema não precisava ser um soneto (CUNHA, 2013). "Até então [ela] nunca tinha visto versos livres, sem rima, sem essa preocupação com a métrica, e ao mesmo tempo tão bem bolados, com palavras simples, cotidianas"

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

(SANT'ANNA *apud* COELHO, 2009). Impactante porque quase familiar (*ibidem*).

> a primavera não se dilui
> nem mesmo através
> da cortina de pano
>
> inútil essa tarde
> de quarta ou quinta-feira? você
> com olhos de sono
> quinquilharias orientais
> chão de taco
> parece até feriado
> em outro país
>
> (SANT'ANNA, 2008, p.36)

> é aqui
> por enquanto
> ainda não tem
> cortina
> tapete
> luz indireta
> amenizando a noite
> quadro nas paredes
>
> (CESAR, 1999b, p.122)

"A influência de Ana Cristina Cesar é evidente" em Alice Sant'Anna, como assinalou o escritor e jornalista Marcelo Moutinho (2008) em breve crítica sobre *Dobradura*. Questão de paideuma. Ambas poetas primam em suas poesias pelo registro coloquial (MALUFE, 2011, p.78) para atingir — conforme observou o poeta, professor e ensaísta Marcos Siscar — "efeitos de espontaneidade, sinceridade, franqueza, alusões constantes que guardam o aspecto de acontecimentos pessoais e de segredos íntimos" (SISCAR, 2011, p.23). O diálogo é recorrente. Sobretudo nas prosas poéticas que têm em sua construção diarística uma "produção da esfera privada, íntima e familiar, feminina de certo modo" (*ibidem*, p.41):

> **de-lembrares**
>
> no telefone a sua voz chega ainda acordando, tanta manhã que faz. falamos em projetos, presentes, viagens, tanta coisa. depois disso, dormi sono demorado, daqueles que a gente pensa e lembra e quer, mas o danado do olho não fecha. a cabeça teima em futurar acontecimentos que ainda não aconteceram, sentimentos e falas, e já eu fico atordoada de vontades, trocando de travesseiros a todo tempo. imagino casa sem parede, mundo sem distância, tempo sem calendário, e o sono me acorda: deixa de pensar besteira, menina. [...]
>
> (SANT'ANNA, 2008, p.62)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

O enigma

> quem inventou foi você. Eu não aguento mais essas tuas pernas dobradas. Me dói muito, eu me deito para descansar mas sei de cor que os convidados estão retidos pela chuva, estão trocando olhares, estão completamente sapientes. Aqui nesta festa eu conheço todos, absolutamente todos, eu posso te explicar por que aquela dali se recusa (com as pernas dobradas) a passar por baixo das luzes. Não insista, não me olhe dissimuladamente, não finja mais que o fim é outro. [...]
>
> (CESAR, 1999b, p.91)

Nesse ínterim, atrás "do despojamento mais inteiro/ da simplicidade mais erma, da palavra mais recém-nascida/ do inteiro mais despojado/ do ermo mais simples/ do nascimento a mais da palavra" (*ibidem*, p.51), a (auto)biografia invade o espaço ficcional do poema e problematiza a posição do sujeito ao tratar o "eu" como "outro" (*idem*, 2011, p.44), ou vice-versa (personagem ou eu-lírico), numa transposição em que alteridade e autoria não se excluem.

Poema óbvio

Não sou idêntica a mim mesmo
sou e não sou ao mesmo tempo, no mesmo lugar e sob o mesmo ponto de
[vista
Não sou divina, não tenho causa
Não tenho razão de ser nem finalidade própria:
Sou a própria lógica circundante
(*idem*, 1999b, p.59)

retrato

a flor nos cabelos
é vaidade que não abre mão
oferecendo o pescoço com a timidez
dos ombros curvados, sabe-se

que as extremidades destoam
do corpo infantil: mãos
e pés grandes demais, apenas notados
em tropeços e tremeliques (não
raros). mas há também
os cotovelos em lanças que
espantam quando apontam
as quinas
e, é claro, as unhas redondinhas
roídas até o sabugo, que desmascaram
a aflição de menina, sardas
nas costas. sem esquecer

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

das pernas cruzadas crispadas
em joelhos e preguiça
de deixar esse domingo
e essa doçura

(SANT'ANNA, 2008, p.11)

Em meio a diversos retratos do cotidiano, o poema (anterior) que abre *Dobradura* retrata ninguém menos que Alice, suas inquietações e sua poética. Uma jovem de apenas 20 anos (quando do lançamento do livro) em que convivem uma timidez de curvar ombros, uma ansiedade de roer unhas, um desarranjo pela realidade corporal distinta, ainda em adaptação, e um estranhamento/desconforto pelo forçoso abandono da infância e ingresso na vida adulta que parece exigir a troca da ingenuidade pela maturidade, um novo olhar e postura perante o mundo. "Trata-se de um momento que revela [...] a perda de uma 'doçura" (COELHO, 2009) da qual a poeta, ainda que adulta (como quer e espera a sociedade), não deseja abrir mão, anunciando, portanto, a delicadeza e a introspecção próprias à sua poesia (vivenciando a cidade). Ao falar de si na 3ª pessoa, Alice Sant'Anna aproxima o leitor pelo fato deste "outro" retratado poder ser qualquer um. Traz, assim, o privado para o público, o coletivo do senso comum propalado nos versos marginais (MALUFE, 2011, p.76).

Inventariante de 17 novíssimos poetas do século XXI em sua dissertação de mestrado, já referenciada em capítulo anterior, Mariano Marovatto define com tato e precisão a poética intimista de Alice: "a força da ingenuidade essencial de Manuel Bandeira transcodificado em Ana C. [o quê biográfico, confessional]" (PERDIGÃO, 2009, p.36).

De fato, a simplicidade vocabular da poeta da Gávea flerta fortemente com a ingenuidade. Mesmo num poema de evidente caráter erótico (aliás, o único do livro), como "quarto de hotel", as palavras são escolhidas a dedo para garantir a sutileza (da ambígua candura) do texto.

		SANT'ANNA, 2008, p.47
quarto de hotel		
num quarto de hotel	**- / - - /**	2-5
os dedos fazem acrobacias	**- / - / - - \ - / -**	2-4-(7)-9

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

entre fios de cabelo. lá fora chove	/ - / - - - / - || \ / - / -	1-3-7-(9)-10-12
e enormes poças se formam	- / - / - - / -	2-4-7
no asfalto desfalcado: você	- / - - - / - || - /	2-6-9
diz que em alagoas gostava de	/ - - - / - - / - -	1-5-8
poças, de pular bem em cima das	/ - || - - \ / - / - -	1-(5)-6-8
poças, e saber a profundidade	/ - || - - / - - \ - / -	1-5-(8)-10
exata, marca na barra da calça.	- / - || / - - / - - / -	2-4-7-10
depois os dedos silenciam	- / - / - - - / -	2-4-8
ao contrário do tectectec inerte	- - / - - \ \ / - / -	3-(6)-(7)-8-10
dos metrônomos	- - / - -	3
que não se calam na curva	- / - / - - / -	2-4-7
sonolenta: delicado apagar	- - / - || - - / - - /	3-7-10
do abajur e boa noite	- - / - \ / -	3-(5)-6
no ouvido	- / -	2

Rimas quase inexistentes; heroico e alexandrino reestilizados (ou reacentuados), conforme já fora observado; cesuras; predominância de anapestos, também apontada oportunamente); e *enjambements*. Temos assim, em linhas gerais, a partir deste poema, o "programa" formal da poesia aliciana.

		SANT'ANNA, 2008, p.37
eu sabia	- - / -	3
que mesmo depois que me	- / - - / - -	2-5
despedisse e fechasse	- - / - - / -	3-6
a porta	- / -	2
e descesse todos	- - / - / -	3-5
os degraus troteando	- - / - / -	3-5
a escada em espiral	- / - - - /	2-6
e entrasse no táxi, boa-noite	- / - - / - || - / -	2-5-8
siga reto, por favor, à	/ - / - || - - / || -	1-3-7
direita, o troco, obrigada,	- / - || / - || - / - ||	2-4-7

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

e acenasse pro porteiro	- - / - - - / -	3-7
mesmo depois que eu apertasse	/ - - / - - - / -	1-4-8
o botão do elevador, procurando	- - / - - - / || - - / -	3-7-10
o chaveiro na bolsa	- - / - - / -	3-6
abrisse a porta de casa	- / - / - - / -	2-4-7
tirasse os sapatos, os brincos	- / - - / - || - / -	2-5-8
escovasse os dentes, os cabelos	- - / - / - || - - / -	3-5-9
mesmo depois que eu	/ - - / -	1-4
dormisse e sonhasse até a hora	- / - - / - / - / -	2-5-7-9
em que acordasse, você ainda estaria	- - - / - || - / - / - - /	4-7-9-12
com os olhos	- / -	2
presos	/ -	1
à porta	- / -	2

Adepta do verso livre novo, Alice tem como característica marcante de sua poesia os versos de cortes precisos como em *takes* de filme. E curtos. Abruptos, em *enjambements*. Mais do que descontinuar a estrutura frasal — separando sujeito de verbo, verbo de objeto ou predicativo, objeto de adjuntos etc. — de um verso para o outro, os *enjambements* exigem aqui uma queda do ritmo de leitura, sobretudo quando ocorrem entre uma estrofe e outra.

Os metros variam de monossílabo a dodecassílabo (que não o alexandrino clássico). Repetem-se, porém, alguns metros: o dístico, as redondilhas (menor e maior) e o octossílabo. Entremeado por cesuras, o poema tem forte dicção anapéstica — é o metro do primeiro verso, “eu sabia”, que vai ecoando e esgotando todas as “sabidas” variáveis da situação tratada ao longo do texto.

O linguajar prosaico aproxima o texto da crônica e os verbos rimando internamente (recurso pouco usual em Alice) — “fechasse/entrasse/apertasse/tirasse/escovasse/sonhasse/acordasse”, “despedisse/dormisse” — dão o tom sequencial da história, ou mesmo dos relatos de um diário.

Livres de filosofemas e arcaísmos, as dobraduras de *Dobradura* — versos sobre “pequeninos nadas”, à Bandeira (1984, p.33); micronarrativas permeadas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA

pelo confessional; poemas em que comparece este *punch* intimista e biográfico tão peculiar à Ana Cristina Cesar; recortes afetivos no passado e no presente; personagens ricamente simples e liricamente factíveis, como a Françoise que carrega sua câmera por todos os cafés parisienses (SANT'ANNA, 2008, p.42) e a Mia que caminha no Central Park (*ibidem*, p.56), em que podemos enxergar a poeta, outras pessoas e até nós mesmos — intervêm com singeleza na cena cotidiana, indo da rua para a casa e da casa para a rua com o desprendimento comum à informalidade de um bate-papo entre amigos ou entre estranhos na fila do banco.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012050/CA